

a geopolítica da fome de bola



por: **CARLOS EDUARDO LIMA**



Com a Copa de 2026 rolando e o mundo mais fragmentado que o lado B de um disco riscado, é hora de tirar a poeira do nosso **Manual do Torcedor Geopolítico**.

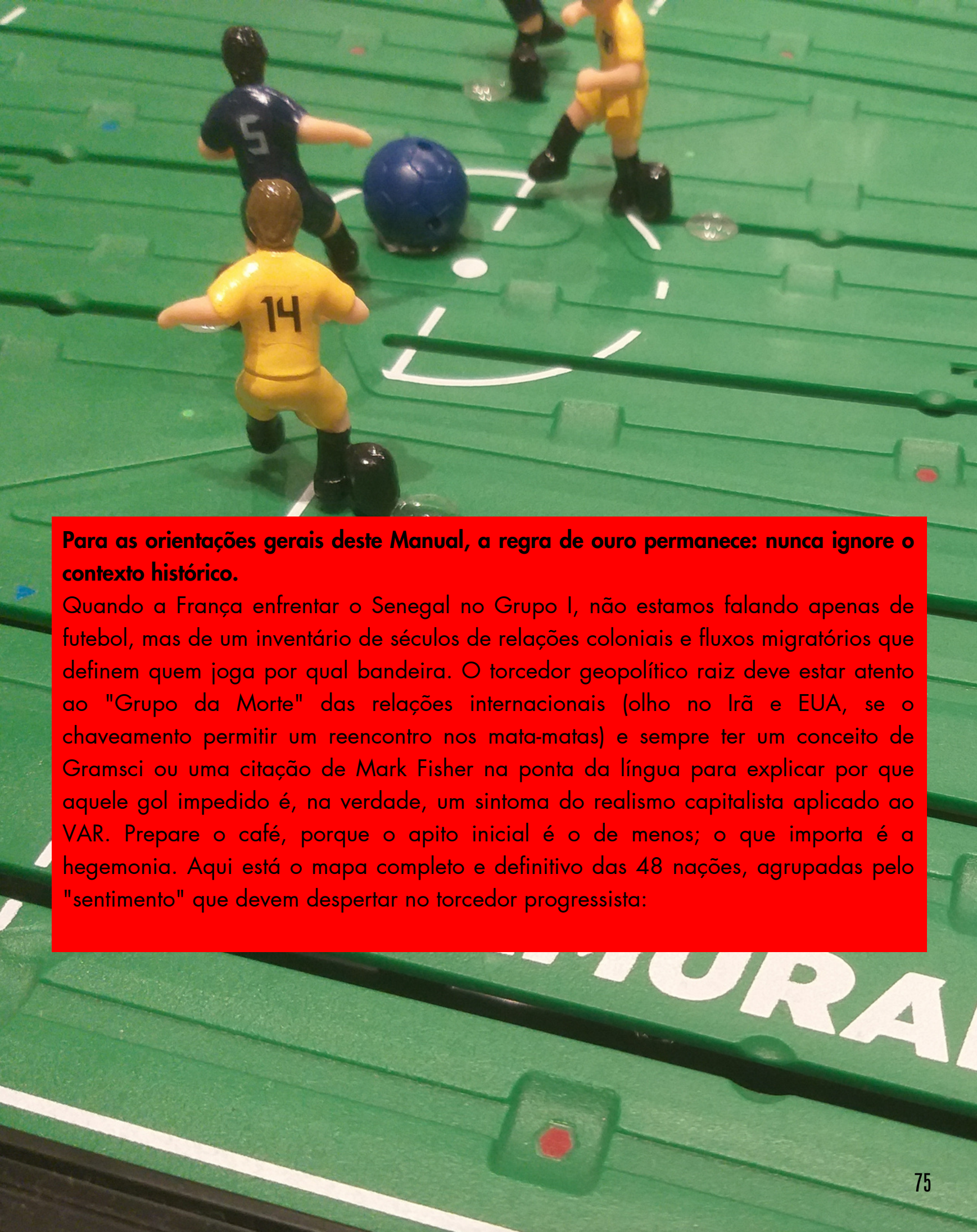
Nesta edição mastodôntica de 48 seleções, a primeira fase deixa de ser apenas um torneio de futebol para se tornar uma assembleia da ONU com mais cartões amarelos e menos vetos no Conselho de Segurança. Se em 1970 o México era o refúgio do futebol-arte, em 2026 o trio de ferro da América do Norte (EUA, México e Canadá) nos oferece um palco onde a logística de fronteiras e os vistos de entrada prometem ser tão emocionantes quanto um empate por 0 a 0 entre duas seleções do Pote 4.

No campo do Soft Power, a disputa é por quem consegue limpar a imagem mais rápido que um contra-ataque do Mbappé. De um lado, temos a Arábia Saudita — que está no Grupo H com a Espanha — tentando convencer o planeta de que o deserto é o novo centro gravitacional do esporte através de investimentos que fariam qualquer bilionário do petróleo corar. Do outro, Marrocos chega ao Grupo C (o mesmo do Brasil, aliás) surfando na onda de sua influência crescente na África e na candidatura conjunta para 2030, provando que o futebol é a diplomacia de chuteiras preferida dos regimes que querem um lugar ao sol — ou, ao menos, um lugar nos trending topics globais sem mencionar questões de direitos humanos.

No entanto, o verdadeiro "drible da vaca" na lógica institucional veio com a criação do Prêmio FIFA da Paz, entregue a Donald Trump em dezembro passado sob os holofotes de Washington. Em uma manobra que faria qualquer comitê do Nobel questionar o sentido da vida, Gianni Infantino decidiu que a melhor forma de celebrar a "unidade" de um torneio espalhado por três países era condecorar o homem que passou boa parte do mandato prometendo erguer muros entre eles.

Para a FIFA, parece que a paz não é a ausência de conflitos, mas a presença de um bom acordo comercial e de um aliado estratégico no Salão Oval; uma paz que ignora vistos negados para torcedores de nações "indesejadas" enquanto ostenta uma medalha de ouro no peito de quem vê o futebol apenas como mais um ativo imobiliário. No fim das contas, a entidade máxima do futebol prova que sua única ideologia real é o cinismo realista: se a bola pune, a diplomacia da bola, quando quer ser "pop", acaba premiando o surrealismo.

E, se falamos de cinismo, é impossível ignorar o tabuleiro de xadrez em chamas que se tornou o Oriente Médio, onde o Irã se vê novamente no papel de antagonista de um roteiro escrito a muitas mãos — e mísseis — ocidentais. Enquanto a narrativa hegemônica se esforça para pintar Teerã como o único foco de instabilidade, o Manual do Torcedor Geopolítico nos obriga a olhar para a soberania ferida de uma nação que, no início deste ano, viu seu território e suas lideranças serem alvos de ataques diretos e bombardeios coordenados. Defender a posição iraniana aqui não é ignorar as complexidades do regime, mas sim questionar a "ordem" que permite bombardeios preventivos e sanções sufocantes enquanto exige que a seleção persa entre em campo, sorridente, em estádios de cidades como Seattle e Los Angeles. Para os herdeiros de uma civilização milenar, o futebol nos EUA em junho será o último reduto de uma dignidade que recusa o boicote; é a resposta de quem, mesmo sob cerco e luto, usa a bola para dizer que seu direito de existir e de competir não termina onde os interesses de Washington e Tel Aviv começam.



Para as orientações gerais deste Manual, a regra de ouro permanece: nunca ignore o contexto histórico.

Quando a França enfrentar o Senegal no Grupo I, não estamos falando apenas de futebol, mas de um inventário de séculos de relações coloniais e fluxos migratórios que definem quem joga por qual bandeira. O torcedor geopolítico raiz deve estar atento ao "Grupo da Morte" das relações internacionais (olho no Irã e EUA, se o chaveamento permitir um reencontro nos mata-matas) e sempre ter um conceito de Gramsci ou uma citação de Mark Fisher na ponta da língua para explicar por que aquele gol impedido é, na verdade, um sintoma do realismo capitalista aplicado ao VAR. Prepare o café, porque o apito inicial é o de menos; o que importa é a hegemonia. Aqui está o mapa completo e definitivo das 48 nações, agrupadas pelo "sentimento" que devem despertar no torcedor progressista:



1. O Bloco das Américas (CONMEBOL e CONCACAF) **Entre a resistência latina e os donos da festa.**

As Sedes (EUA, México, Canadá): O trio do livre comércio. O Manual é claro: México é coração e resistência imigrante; EUA é o império que queremos ver cair nos pênaltis; Canadá é o primo educado que finge que não tem culpa.

A Elite Sul-Americana: Argentina, Brasil, Uruguai, Colômbia, Equador e Paraguai. A Argentina defende a honra do Sul; o Brasil de Vini Jr. luta contra o racismo; o Uruguai de Bielsa é a nossa vanguarda intelectual. Mesmo que Argentina, Equador e Paraguai estejam sob governos conservadores, o Manual manda torcer a favor deles contra seleções europeias e asiáticas.

A "Classe Média" da CONCACAF: Panamá e Haiti. O Haiti é o nosso símbolo máximo de luta histórica; o Panamá é o controle estratégico dos mares agora no gramado. Somos a favor de ambos.

Curaçao: A maior surpresa das Américas. Uma ilha de 150 mil habitantes jogando no quintal dos vizinhos gigantes. É o Davi contra todos os Golias ao mesmo tempo.

2. A Frente Africana (CAF) - Onde o futebol é mais do que jogo; é afirmação de soberania.

Marrocos, Senegal e Egito: As potências que não aceitam mais serem tratadas como "promessas".

Argélia, Tunísia, Costa do Marfim, Gana e África do Sul: O bloco da diversidade continental. Ver a África do Sul brilhar é sempre um lembrete da vitória sobre o Apartheid e da antológica passagem de Joel Santana por lá. E a Argélia é a seleção mais bacana da África, na nossa opinião.

RD Congo: A nossa torcida contra o extrativismo. Que cada gol seja um grito de autonomia do ex-Zaire. Torcemos para que haja um cruzamento com a Bélgica para um ajuste de contas.

Cabo Verde: O menor país em população na história a chegar lá. É a vitória do arquipélago contra o continente; do pequeno contra o gigante.

3. O Eixo Asiático e Oceania (AFC e OFC) - O drible que vem do Oriente.

Uzbequistão e Jordânia: As joias da Ásia Central e do Levante. Torcer para eles é celebrar a quebra do monopólio das potências tradicionais, mas não esquecendo que a Jordânia é uma monarquia petroleira que joga o jogo do Ocidente. Recomendamos atenção.

Japão e Coreia do Sul: O capitalismo tecnológico em sua expressão máxima. Eficientes, mas são "certinhos" demais. Caso joguem com europeus, torcemos a favor. Se jogarem contra latinos ou africanos, secamos com força.

Irã, Iraque, Arábia Saudita e Catar: Onde o futebol encontra a geopolítica do petróleo e das invasões. Torcemos por Iraque e Irã. Arábia Saudita e Catar, outras monarquias petroleiras ocidentalizadas, não.

Austrália e Nova Zelândia: Os representantes da Oceania que jogam com a fleuma do Commonwealth. Não se enganem: são lacaios da lógica imperialista global, membros do Five Eyes, pacto político-estratégico firmado com o Reino Unido, Canadá e Estados Unidos. Só torcemos a favor pelo fator "zebra".

4. A "Fortaleza" Europa (UEFA) - Os 16 que representam o antigo centro do mundo.

França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Alemanha, Holanda, Bélgica: O G7 do futebol. O Manual manda secar todos, a menos que joguem entre si (aí torcemos pelo caos).

Croácia, Suíça, Escócia, Áustria, Suécia, Noruega, Turquia, República Tcheca, Bósnia e Herzegovina: O bloco que varia entre o "social-democrata entediante" e a "resistência balcânica". Torcemos pela Bósnia, pela Turquia e pela Escócia por serem os parentes pobres e raçudos desse grupo.

Alguns confrontos sob a análise do Manual:

Grupo A e B: Os Anfitriões e o Medo do Vazio

México x África do Sul (Abertura): O Manual sugere atenção ao "Efeito Sul-Global". É o México tentando reafirmar sua liderança na América Latina enquanto enfrenta um membro do BRICS.

Canadá x Catar (Grupo B): Um clássico do realismo capitalista. O país das "boas intenções" e direitos humanos recebe o país que comprou sua relevância no futebol através do petróleo. O Manual recomenda observar se haverá protestos silenciosos nas arquibancadas de Vancouver.

Grupo C e D: O Eixo do Atlântico e a Anglosfera

Brasil x Marrocos (Grupo C): O Brasil entra como a hegemonia cultural, mas Marrocos é o Cavalo de Troia do soft power africano. O Manual alerta: ignore o placar e foque na disputa por quem influencia mais o imaginário do Sul Global.

EUA x Austrália (Grupo D): É o clássico do Five Eyes. A orientação é clara: o jogo será monitorado por mais satélites do que câmeras de TV. No campo, são aliados; na tabela, é uma disputa interna pelo controle do Pacífico.

Grupo E: O Fantasma da Extração

Alemanha x Curaçao: O resumo do "Turismo de Desastre Geopolítico". A potência industrial europeia contra um território autônomo do Reino dos Países Baixos no Caribe. A orientação do Manual é: trate como um acerto de contas histórico onde a Alemanha tenta não ser colonizada pelo lifestyle caribenho enquanto exporta sua eficiência para um estádio no Texas.

Equador x Costa do Marfim: O "Duelo das Commodities". É o petróleo e a banana contra o cacau. O Manual sugere que o vencedor deveria ganhar o direito de ditar o preço do café no mercado futuro de Chicago por uma semana.

Grupo F: O Desafio da Modernidade

Holanda x Japão: O "Clássico da Tecnologia de Drenagem". São os dois países que mais entendem de lutar contra o mar. O Manual sugere que, em vez de pênaltis, o desempate seja feito via robótica ou gestão de recursos hídricos.

Suécia x Tunísia: O Manual define como o jogo do "Estado de Bem-Estar Social vs. Primavera Árabe". A frieza escandinava testada pelo calor político tunisiano. Observe se a Suécia tentará aplicar um 4-4-2 tão organizado quanto uma estante da IKEA.

Grupo G e H: O Barril de Pólvora e o Petrodólar

Bélgica x Irã (Grupo G): O confronto "Diplomacia x Sanção". O Manual orienta observar como a seleção iraniana usará o hino para enviar mensagens ao mundo enquanto joga no coração da Califórnia (Los Angeles). É a resistência cultural em território hostil.

Espanha x Arábia Saudita (Grupo H): A metrópole histórica do futebol contra o novo dinheiro que quer comprar a própria história. O Manual sugere analisar este jogo como uma transação comercial de 90 minutos.

Carlos Eduardo Lima (CEL) é flamenguista, mestre em História Social, jornalista especializado em cultura pop e editor-chefe da Célula Pop. Como crítico musical há mais de 20 anos, já trabalhou para o site Monkeybuzz e as revistas Rolling Stone Brasil e Rock Press. Acha que o mundo acabou no início dos anos 90, mas agora sabe que poucos e bons notaram. Ainda acredita que cacetadas da vida são essenciais para a produção da arte.

Grupo I e L: Heranças Coloniais e o Velho Continente

França x Senegal (Grupo I): O jogo que Mark Fisher analisaria como o fantasma do colonialismo. A orientação é contar quantos "franceses" estarão em campo vestindo verde e amarelo.

Inglaterra x Croácia (Grupo L): O Manual define este jogo como a "Crise de Identidade Europeia". A Inglaterra pós-Brexit contra a Croácia, que é um baluarte futebolístico da resiliência balcânica.

Grupo J: O Tabuleiro Árabe-Andino

Argentina x Argélia: Um embate de "Paixões Periféricas". Historicamente, ambos compartilham o trauma de dívidas externas e a glória de derrubar gigantes. A orientação é: se o jogo empatar, a culpa é do FMI.

Áustria x Jordânia: O Manual define este como o jogo da "Neutralidade Estratégica". A Áustria, que tenta não incomodar ninguém na Europa, contra a Jordânia, o para-choque de estabilidade no Oriente Médio. Perfeito para assistir lendo um tratado de não-proliferação.

Grupo K: A Rota da Seda e o Café

Portugal x Uzbequistão: O encontro da Expansão Marítima com a Rota da Seda. O Manual orienta: procure sinais de investimentos chineses nas placas de publicidade; se o Uzbequistão ganhar, é a Eurásia avançando sobre o Atlântico.

Colômbia x RD do Congo: O Manual chama este de "O Derby da Biodiversidade (e do Conflito)". Quem controlar o meio-campo controla os recursos minerais do futuro.